

OPINIÃO

SOCIALISTA



Nº612

de 05 a 20 de
maio de 2021

Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



NA PANDEMIA

BRASIL TEM FOME E MAIS DE 410 MIL MORTES

ENQUANTO BILIONARIOS DOBRAM SUAS FORTUNAS



PDF INTERATIVO

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE

passando
no shopping



foda-se kjkk

convocado
na cpi



tô dodoi

“**Todo mundo quer
viver 100 anos**”



Paulo Guedes, ministro da Economia, culpando a longevidade da população por ter, supostamente, “quebrado” o Estado.

POBREFOBIA

Paulo Guedes odeia pobres

E não esconde isso de ninguém. Não, não é o Caco Antibes, personagem do antigo programa de TV “Sai de Baixo”. É Paulo Guedes, o ministro-banqueiro da Economia. A última demonstração de esnobismo e ódio de classe veio, em 30 de abril, na forma de um ataque ao Fies, programa federal para financiamento mensalidades do ensino superior para estudantes de baixa renda. O ministro disse que o programa é uma “bolsa para todo mundo” e “um desastre”. Falou, também, que o programa serve para o “filho do porteiro do prédio” entrar na universidade, tirando nota zero. “Foram até outro extremo. Deram bolsa para quem não tinha nenhuma capacidade. Botaram todo mundo...



Exageraram. Foram de um extremo ao outro. Então, eu tô falando isso porque nós temos que ter muito cuidado quando a gente vai entrar em credenciamento”. Ele já atacou pobres em diversas outras ocasiões. Por

exemplo, em fevereiro de 2020, comemorou a alta do dólar dizendo que acabou esse negócio de “todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada....”

SEM INFÂNCIA

Trabalho infantil e pandemia

Segundo o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (Unicef), no Brasil, houve um aumento no número de crianças que passaram a trabalhar desde o início da pandemia, em 2020. Apenas o estado de São Paulo registrou um aumento de 26% de crianças em trabalhos não formais e com idade imprópria, comparando-se ao ano de 2019. As causas que levam o aumento do trabalho infantil são inúmeras e dentre as mais sintomáticas estão o desemprego na família e a falta de moradia. Com o fim do auxílio emergencial, no final do



segundo semestre de 2020, mais de 63 milhões de pessoas ficaram sem renda. Contudo, em 2019, portanto, antes da pandemia, o IBGE já apontava que mais de 51,7

milhões de pessoas viviam abaixo da linha da pobreza. Já no ano de 2020, o mesmo órgão registrou que 13,9% dos brasileiros não possuem nenhum tipo de renda.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917



opinio@pstu.org.br



Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Só a classe trabalhadora pode apontar uma saída para a crise do país

No dia 29 de abril, o Brasil chegou à terrível marca das 400 mil mortes oficiais por COVID-19. Antes de o mês terminar, já havia mais mortes pela pandemia, em 2021, do que durante todo o ano de 2020.

No 1º de Maio, “Dia Internacional de Luta da Classe Trabalhadora”, seria o momento de a classe trabalhadora se unir para lutar contra a mortandade, a pobreza e a miséria que capitalistas e o governo impõem aos mais pobres. Mas, tivemos, de um lado, atos pró-governo e golpistas. Foram manifestações pequenas, agitadas por figuras como o ex-presidiário Roberto Jefferson, que moveram setores de classe média, de meia idade, e que foram, na verdade, uma política do governo para buscar fôlego perante seu desgaste.

De outro lado, houve um ato virtual, promovido pelas maiores centrais sindicais, como CUT, Força Sindical, UGT, CTB, que juntou, num mesmo palanque, o PT, o PCdoB, o presidente do PSOL, Juliano Medeiros, e Guilherme Boulos, com políticos como FHC (PSDB), Ciro Gomes (PDT) e o presidente do MDB, Baleia Rossi. Um ato eleitoral, mirando 2022, que, sendo oposição a Bolsonaro, não propôs uma política econômica de fundo, diferente da de Guedes e Cia., uma vez que defendeu a união com empresários e banqueiros que a apóiam.

Coube à CSP-Conlutas e à Intersindical - Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora, aglutinar um pólo classista, de luta e internacionalista, mantendo a bandeira da independência de classe dos trabalhadores e as nossas reivindicações. Além da “live”, foram realizados atos, como em São José dos Campos (SP), reunindo as trabalhadoras das empresas fornecedoras da LG.



DERROTAR BOLSONARO, A PANDEMIA, A FOME, O DESEMPREGO E OS BAIXOS SALÁRIOS

A pobreza segue se aprofundando, enquanto os bancos, o agronegócio, as grandes mineradoras e os bilionários vão indo muito bem. Enquanto isso, o país se vê cada vez mais num processo acelerado de decadência, recolonização e regressão.

Essa crise acirra a disputa interburguesa no “andar de cima”. Apesar de um setor burguês estar indo à oposição, ainda mantém Bolsonaro, pelo menos enquanto este mantiver sua governabilidade. Esse processo vem se expressando na CPI da Pandemia. Embora seja uma derrota ao governo, seu objetivo é manter tudo nos limites da institucionalidade.

A classe trabalhadora, por sua vez, enfrenta, além da pandemia, o desemprego recorde em uma combinação que dificulta a mobilização. As direções das grandes centrais e dos partidos de oposição poderiam se unir e atuar para destravar a generalização das lutas. Mas, ao invés disto, só apostam numa saída eleitoral.

O papel do PT, de Lula, seguido pela direção e setores do PSOL, como Freixo, no Rio, e Boulos, em

São Paulo, é o de negociar uma frente ampla com a burguesia, canalizando a insatisfação crescente para a via eleitoral. Isso, além de manter Bolsonaro, implica em promover um projeto de conciliação de classes com banqueiros e grandes empresários, o que, inevitavelmente, levará à continuidade dos ataques aos trabalhadores para tirar o país da crise sob a ótica da burguesia, nos marcos, inclusive, desse processo de recolonização do país.

Os trabalhadores na América Latina têm apontado um caminho que a classe dominante teme. Depois do Chile e Paraguai, agora, as massas na Colômbia entram em cena e, mesmo na pandemia, acabam de derrubar um ministro e uma Reforma Tributária que atacavam os mais pobres.

A NECESSIDADE DA GREVE GERAL SANITÁRIA

A fim de enfrentar a pandemia, seria necessária uma greve geral sanitária. A classe trabalhadora teria mais confiança para isso se houvesse a unidade e uma pauta nítida, de luta, contra a pandemia e a crise social e econômica.

Para caminhar nesse sentido, é preciso, além de cercar de soli-

dariedade as lutas que estão ocorrendo, como a das trabalhadoras da LG e de suas fornecedoras, exigir das centrais, sindicatos e partidos que defendam a necessidade da greve, apontem esse caminho e façam o que estiver em seus alcances para prepará-la.

Essa é a direção a seguir. Não deixar Bolsonaro destruindo o país, enquanto se espera por 2022. Nem defender uma frente com a burguesia, para governar com um programa de conciliação que, como vimos lá atrás, não resolve problema algum. Mais ainda, nas circunstâncias atuais, um programa desses precisaria despejar a crise, com mais força, nas nossas costas, para continuar beneficiando banqueiros.

POR UM PROGRAMA DE EMERGÊNCIA E UM PÓLO CLASSISTA E SOCIALISTA

Para enfrentar esta situação, é preciso botar a economia do país a serviço de acabar com a pandemia, o desemprego e a fome, e não continuar enriquecendo banqueiros e um punhado de bilionários.

É necessário quebrar as patentes e garantir vacina para todos, já; suspender o pagamento da dívida aos banqueiros; acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal

e instituir a Lei de Responsabilidade Social; taxar, em 40%, a fortuna dos 65 bilionários; estatizar, sob controle dos trabalhadores, o sistema financeiro e pagar R\$ 600 de auxílio-emergencial, até o final da pandemia; dar auxílio financeiro aos pequenos comerciantes e cancelar as dívidas dos trabalhadores e dos pequenos proprietários, para poder garantir um lockdown de verdade; investir maciçamente no Sistema Único de Saúde (SUS), na educação pública e realizar um plano de obras públicas essenciais, que gere empregos e um plano de habitação popular, além de resolver o problema do saneamento básico.

Para isso, é necessário lutar pela auto-organização da classe trabalhadora. Por isso, assim como fizemos no “1º de maio classista, de luta e internacionalista”, é preciso fortalecer, no dia a dia, um pólo de luta, classista e socialista, que ajude a avançar na auto-organização da classe, pela base. E fortalecer, assim, um projeto socialista de sociedade, que tenha como horizonte um governo socialista dos trabalhadores, baseado em conselhos populares.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/MCETT](https://pstu.ml/mcett)

CPI DA PANDEMIA

Desgastar Bolsonaro para as eleições de 2022 ou **derrubá-lo agora?**



ROBERTO AGUIAR
DE SALVADOR (BA)

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia foi instalada no Senado no dia 27 de abril, depois de decisão liminar do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso. A CPI terá 90 dias para seu funcionamento e é constituída por 11 membros titulares e sete suplentes, com o objetivo de apurar as ações do governo federal no enfrentamento à pandemia da Covid-19, em especial àquelas relacionadas à crise sanitária no Amazonas, quando o estado passou por um colapso na rede de saúde, com falta de insumos e oxigênio para os pacientes internados.

Quando fechávamos esta edição, os dois ex-ministros da Saúde de Bolsonaro – Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich – estavam prestando depoimento à CPI, na condição

de testemunha, quando há o compromisso de dizer a verdade sob o risco de incorrer no crime de falso testemunho.

Bolsonaro fez de tudo para impedir a instalação da CPI. Não conseguiu. Agora faz de tudo para atrapalhar o andamento dos trabalhos. Sabemos que a maioria das CPIs criadas no Brasil não deu em nada. Terminaram em pizza, como se costuma dizer. Mas cada CPI é reflexo do momento político que vive o país. Esta é fruto do aprofundamento da crise resultante da pandemia e do colapso econômico e social, com o consequente desgaste da imagem de Bolsonaro.

CRISE E QUEDA DA POPULARIDADE

Hoje, temos um governo em crise, com a popularidade em queda; dependente do Centrão para manter a governabilidade e que assiste ao deslocamento de uma ala expres-



siva do empresariado para a oposição. A própria CPI é parte desse deslocamento de um setor burguês para oposição.

A preocupação de Bolsonaro é que a CPI pode catalisar o descontentamento crescente com o governo, não só embaixo, mas de setores

cada vez mais amplos da própria burguesia.

APROFUNDAR O DESGASTE

Há uma divisão interburguesa: um setor minoritário, que apoia Bolsonaro, e outro setor, hoje majoritário, contra o governo, mas que não

é a favor do impeachment ou da derrubada do presidente genocida. Ao contrário, tem como estratégia sangrar Bolsonaro até 2022.

A CPI é parte desta política de desgaste. Não podemos achar que Renan Calheiros (MDB), relator da CPI, raposa velha da política brasileira, réu por corrupção e lavagem de dinheiro, está de fato preocupado com as mais de 400 mil mortes por Covid-19.

O choque entre estes setores burgueses é reflexo de uma disputa que visa às eleições de 2022. A dita esquerda parlamentar também tem apostado neste terreno, ao invés de chamar uma mobilização unificada pelo “Fora Bolsonaro e Mourão”. Isso é uma política desastrosa que, embora no discurso ataque o presidente, na prática o deixa governando livremente para continuar a matança na pandemia, passando por cima dos direitos e conspirando contra as liberdades democráticas.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/0U029](https://pstu.ml/0U029)

NÃO DÁ PRA ESPERAR 2022

Derrubar Bolsonaro, já!

O governo está em crise, segue fragilizado. O pano de fundo dessa crise é a pandemia, combinada com a crise econômica capitalista, que opera sobre um processo de grande e longa decadência, de desindustrialização e recolonização do país.

Pandemia, desemprego, fome, carestia: tudo isso se abate com uma força tremenda, especialmente sobre a classe trabalhadora, a pequena burguesia, o semiproletariado e a legião de desempregados.

Apostar numa política de desgaste de Bolsonaro, visando apenas às eleições de 2022 é um crime. É pactuar e ser conivente com o genocídio imposto ao povo brasileiro.

Queremos que Bolsonaro seja responsabilizado pelos crimes cometidos contra nos-

so povo. Mas não podemos depositar nossa esperança em uma CPI composta por parlamentares que têm votado junto com o governo na maioria dos ataques à população.

Bolsonaro é um genocida. O número de vidas perdidas, o atraso na compra das vacinas, o questionamento público e diário que ele faz contra as medidas de isolamento, a falta de insumos básicos nos hospitais são resultados da postura negacionista adotada por ele desde o início da pandemia. Mas é preciso que se diga, também, que a postura de Bolsonaro tem cúmplices em vários estados e municípios. Governadores e prefeitos, inclusive da dita esquerda, também se omitiram ou tomaram medidas apenas parciais.

Só iremos superar a pandemia mudando os rumos da

condução do país. Sem tirar da presidência esse genocida, nosso povo continuará sofrendo e outros milhares morrerão. É preciso derrubar Bolsonaro, já! Não dá para apostar que o Congresso, dominado pelo Centrão, vá responsabilizar os culpados pelo genocídio.

O PT, o PSOL e o PCdoB precisam romper com política de apostar todas as fichas nas eleições de 2022, em uma frente ampla com setores da burguesia. Essa política é criminosa. Já vimos esse filme e sabemos que o final dele não é nada bom.

As grandes centrais sindicais também precisam sair do marasmo. É preciso unificar as lutas, organizar um calendário nacional de mobilização, rumo construção de uma greve geral sanitá-



ria no país para deter a política genocida dos governos e garantir as reivindicações necessárias para enfrentar a pandemia e defender a vida, com vacinação imediata para

toda a população, quebra das patentes, lockdown com auxílio digno para deter a disseminação da doença, apoio aos pequenos negócios, emprego, entre outras medidas.

1º DE MAIO

Ato virtual da CSP-Conlutas e Intersindical resgata independência de classe no dia de luta dos trabalhadores

Data contou ainda com manifestações presenciais simbólicas nos estados



DA REDAÇÃO

Enquanto as direções das maiores centrais sindicais como a CUT, a Força Sindical, a CTB, entre outras, realizavam um ato virtual com a direita e representantes da burguesia, incluindo o ex-presidente FHC, o pré-candidato Ciro Gomes e o presidente do MDB, Baleia Rossi, coube à CSP-Conlutas resgatar o caráter de luta e independência da data, mais necessária que nunca diante do caos sanitário, econômico e social que atinge em cheio os trabalhadores e o povo pobre.

Nacionalmente, a principal atividade foi o ato-live com os lemas “1º de Maio classista, de luta e internacionalista - Em defesa da vida, Fora Bolsonaro” organizado junto com a Intersindical - Instrumento de Luta, que reuniu representantes de entidades sindicais, movimentos populares e sociais pelo país. Também contou com representantes de

partidos e organizações como o PSTU, setores do PSOL com o deputado Glauber Rocha, o MRT e PCB. Foi um ato que expressou, além das reivindicações mais prementes dos trabalhadores, as lutas que ocorrem país afora na base das categorias.

“O dia internacional de luta dos trabalhadores é uma data nossa, não deve ser usada por aqueles que fazem ataques à nossa classe”, afirmou no ato Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região. Além de ressaltar a importância simbólica da data como marco na defesa das reivindicações dos trabalhadores, Weller defendeu a luta por um lockdown de 30 dias para frear a contaminação pelo coronavírus, vacina para todos já e auxílio emergencial de no mínimo R\$ 600 enquanto durar a pandemia.

“Bolsonaro é quem comanda o assassinato em massa em nosso país, mas não faz isso

sozinho. O Congresso Nacional é diretamente responsável pelo sofrimento que solapa a classe trabalhadora, é o PP, MDB, PSDB, partidos que estão no palco da CUT e outras centrais”, afirmou Vera, pelo PSTU, que ainda questionou: “como comemorar com os carcassos da classe trabalhadora? Isso é sinalização do que o PT e parte do PSOL querem para 2022”. Vera chamou a unidade da classe trabalhadora para tirar Bolsonaro já, defendendo uma greve geral sanitária, a quebra das patentes para garantir vacina, além da “estatização dos bancos para financiar um plano dos trabalhadores, expropriar os hospitais particulares para atender o povo” dentro de um programa anticapitalista para enfrentar a crise.

“O ato apontou para uma ampla parcela da vanguarda dos trabalhadores e do movimento popular uma alternativa classista, internacionalista e anticapitalis-



ta, na medida em que as maiores centrais optaram por fazer do 1º de maio um palanque eleitoral ao invés de levantar as reivindicações da classe trabalhadora”, avalia Luiz Carlos Prates, o Mancha, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas. Mancha lembra que, no ato das outras centrais, a única fala que repercutiu foi a de FHC fazendo coro com Bolsonaro ao defender a abertura geral em plena pandemia. “Já este nosso ato demonstrou a necessidade e possibilidade de se ter um polo da classe

que não espere 2022 e que coloque neste momento a necessidade da luta imediata como prioridade, ao mesmo tempo em que aponta uma alternativa socialista para a nossa classe”, afirma.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/MS560](https://pstu.ml/ms560)

ASSISTA



CLIQUE NO QR-CODE
AO LADO E ASSISTA
AO ATO-LIVE

LUTA

Atos simbólicos, carreatas e faixas



São José dos Campos - SP

Além do ato-live, ocorreram manifestações em várias partes do país que, além de levantarem o caráter classista do 1º de maio, expressaram as lutas que ocorrem. Na região de São José dos Campos (SP) ocorreu uma manifestação na portaria da Sun Tech, empresa fornecedora da LG cujas trabalhadoras, junto com as funcionárias da Blue Tech e 3C, estão em greve desde o dia 6 de abril contra o fechamento da empresa e em defesa dos empregos.



Salvador - BA

Em Salvador manifestantes postaram cruzes em frente ao Farol da Barra simbolizando as mais de 400 mil mortes causadas pela política genocida do governo Bolsonaro.



Macaé - RJ

Em Macaé também houve um ato simbólico, com a instalação de cruzes na praia dos Cavaleiros.



Belo Horizonte - MG

Em Belo Horizonte houve um ato simbólico na praça da Estação, com importante participação dos trabalhadores da Educação em defesa da greve sanitária.

FESTA DOS RICOS

Bilionários dobram suas fortunas em plena pandemia

Brasil tem 21 novos bilionários no último ano. Super-ricos concentram um quinto de todas as riquezas produzidas no país.

DA REDAÇÃO

Uma caminhada pelas ruas de qualquer grande centro urbano mostra a verdadeira tragédia social em que o país se afunda. A pobreza e a miséria crescem de forma espantosa, multiplicando o exército de sem-tetos, as filas de desempregados e famintos, que eram 20 milhões no ano passado.

Não é nem preciso sair na rua para perceber isso. Se você não estava à frente de algum dos 7,8 milhões de postos de trabalho fechados no último ano, com certeza viu seu rendimento cair nesse período. Ou pelo corte nos salários, se tem carteira assinada, ou pela redução do serviço, se é autônomo ou informal, somado à inflação dos produtos mais básicos nas gôndolas dos supermercados, como os alimentos.



Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a soma dos rendimentos dos trabalhadores caiu 7,4% no trimestre entre dezembro e fevereiro último, comparado ao mesmo período do ano anterior. Isso significa R\$ 16,8 bilhões a menos no bolso da classe trabalhadora. Quem trabalha no setor da alimentação viu sua ren-

da cair, em média, quase 10%. Já quem atua com transportes perdeu 7,8% de seus ganhos.

Não foram só a classe trabalhadora e os mais pobres que viram seus rendimentos encolherem na pandemia. Oitenta por cento das famílias que ganham mais de cinco salários mínimos que, embora não estejam nos extratos mais pauperizados, es-

tão longe de serem ricos, perderam entre 20% e 70% da renda. Reflexo direto da penúria que o governo deixou o comércio e as pequenas empresas.

DOBRA O NÚMERO DE BILIONÁRIOS NOS ÚLTIMOS ANOS

O país está se desindustrializando, perdendo ainda mais soberania, destruindo forças produtivas e ficando de fora de cadeias de valor; vive um processo de recolonização e de regressão cada vez maior no mundo. De nona maior economia, hoje somos a 12ª.

Mas nem todo mundo perde com o empobrecimento do país. Pelo contrário, para uma fatia ínfima, que é a maioria da burguesia internacional e nacional, ocorre o oposto. A pandemia vem acelerando a concentração da renda dos últimos anos. Segundo a revista Forbes, de 2016 até hoje,

mais que dobrou o número de bilionários brasileiros, passando de 31 para 65. Em plena pandemia surgiram 21 novos bilionários no país. Essa verdadeira jabuticaba faz com que, enquanto estamos regredindo em quase todos os setores, produzimos mais bilionários. Ou seja, mesmo com um país decadente, mas ainda rico, há setores lucrando muito, como os bancos e as grandes mineradoras, às custas do parasitismo, da superexploração, da entrega e da rapina do Brasil e da destruição do meio ambiente.

Resultado de uma política genocida que significa, para a imensa maioria da população, morte, desemprego, pobreza e fome, mas para bem menos de 1%, bilhões de dólares e de reais. Uma política que, entre outras medidas, estabelece o aumento nos juros para enriquecer banqueiros, o arrocho no Orçamento e mais dinheiro para a dívida, além de um corte bilionário na educação e na saúde, incluindo os R\$ 200 milhões anunciados para o desenvolvimento da vacina brasileira. Além dos bilionários da saúde privada, que viram suas fortunas multiplicarem na pandemia, como o dono da Rede D'Or, que saltou seu patrimônio de R\$ 2 bi para 11,3 bilhões (veja mais no quadro).

PANDEMIA DE DESIGUALDADE

Queda do rendimentos dos trabalhadores



- R\$ 16,8 bilhões

PANDEMIA DE DESIGUALDADE

Aumento do patrimônio dos bilionários brasileiros na pandemia



+ R\$ 708 bilhões

Isso representa →

16 x o orçamento para o auxílio emergencial em 2021 (R\$ 44 bi)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Forbes

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/LIUYR](https://pstu.ml/liuyr)

65 BURGUESES

Quem são os bilionários brasileiros

Grandes empresários, banqueiros e especuladores do mercado financeiro figuram no topo do ranking dos bilionários brasileiros. Juntos, concentram um patrimônio equivalente a R\$ 1,6 trilhão, um quinto de toda a riqueza produzida pelo país em um ano. É mais que o dobro do que os bilionários tinham no ano passado, R\$ 710 bilhões.

É difícil até imaginar o que representa a fortuna que esses 65 bilionários detêm. Mas

só para efeito de comparação, basta pensar que o Orçamento de 2021 está fixado em R\$ 1,48 trilhão, com o teto dos gastos. Ou seja, se transformássemos em dinheiro todo o patrimônio desses super-ricos, daria mais que o montante de todos os gastos previstos pelo governo federal para este ano, incluindo o dinheiro para as vacinas, o arremedo de auxílio emergencial, além dos gastos com saúde, educação, moradia, Previdência Social etc..

COMPARE

Fortuna de bilionários é maior que orçamento



Soma dos valores do patrimônio dos 65 bilionários

R\$ 1,6 trilhão



Orçamento da União para 2021

R\$ 1,4 trilhão

RANKING

Os maiores super-ricos do Brasil



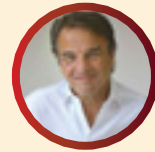
1º Família Lemann
Fortuna: R\$ 16,9 bilhões
Anheuser-Busch InBev



2º Eduardo Saverin
Fortuna: R\$ 8,4 bilhões
Facebook



3º Marcel Herrmann Telles
Fortuna: R\$ 11,5 bilhões
Anheuser-Busch InBev



4º Jorge Moll Filho
Fortuna: R\$ 11,3 bilhões
Rede D'Or



5º Carlos Alberto Sicupira
Fortuna: R\$ 8,7 bilhões
Anheuser-Busch InBev

DESIGUALDADE

Vírus do capitalismo provoca a maior concentração de renda da história da humanidade durante pandemia

A pandemia da Covid-19 já se tornou um dos maiores flagelos da humanidade, com mais de 3 milhões de mortes pelo planeta em números subnotificados e um salto da pobreza, da miséria e da fome. Enquanto você lê isso, 30 milhões de pessoas ao redor do mundo estão ameaçadas de morrer por inanição. Na outra ponta, houve a maior concentração de renda da história. Segundo levantamento da revis-

ta Forbes, 493 pessoas entraram para a seleta lista de bilionários no último ano, um recorde. Um novo bilionário a cada 17 horas.

São hoje 2.755 bilionários no planeta, cujo patrimônio totaliza US\$ 13 trilhões. Quase nove vezes o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2020. Esses super-ricos viram suas fortunas aumentarem mais de US\$ 5 trilhões na pandemia. Dos novos bilionários, 210 vêm da China. A Índia, que vem competindo com

o Brasil para se tornar o epicentro do morticínio, com piras coletivas a céu aberto para cremar as vítimas, responde por 19 novos bilionários.

MORTES PARA O POVO, MAIS LUCROS PARA BILIONÁRIOS

Entre os novos bilionários que enriqueceram durante a pandemia destacam-se os grandes empresários do setor da saúde. São 61 novos bilionários que vão de produtores de frascos utiliza-

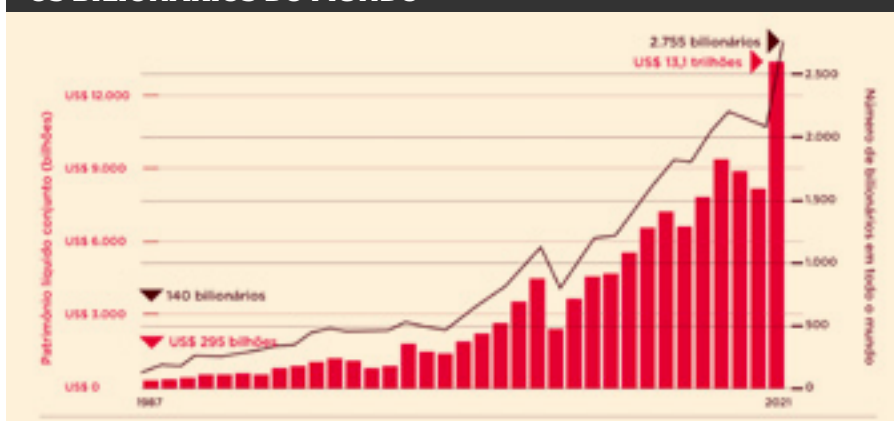
dos nas vacinas, como o italiano Sergio Stevanato, a donos de redes de hospitais em seus países, como o indiano Prathap Reddy.

Não poderiam faltar os grandes laboratórios envolvidos diretamente na produção dos imunizantes, como o médico de origem turca, Ugur Sahin, fundador da alemã BioNTech, desenvolvedora de uma das vacinas em parceria com a Pfizer; e o presidente da Moderna, Stéphane Bancel.

A revista Forbes credita a ascensão dessa nova classe de bilionários a “empreendedores” que viram oportunidades de negócios com a pandemia. O que se vê, porém, é o resultado do vírus do capitalismo, que deixa milhões morrerem para uma doença na qual já existe vacina e aproveita a pandemia para aumentar ainda mais o fosso entre pobres e ricos.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/13WSU](https://pstu.ml/13WSU)

OS BILIONÁRIOS DO MUNDO



SUPER-RICOS CONCENTRAM QUASE DEZ “BRASIS”

2.755
bilionários
US\$ 13 trilhões

PIB do Brasil
US\$ 1,4 trilhão



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Forbes

SAÍDA

Fazer com que os ricos paguem pela crise

Ao contrário do que propaga a ideologia dominante, os bilionários não enriqueceram por conta de seus próprios méritos. Quem produz toda a riqueza é a classe trabalhadora: mas tirando o seu salário (de fome), todo o resto que produz é trabalho não pago que é apropriado privadamente pelo capitalista, que, com esse dinheiro, compra máquinas, matérias-primas, paga empréstimos a bancos, paga seus impostos (quando não sonega), embolsa os lucros e dividendos, investe em ações, em especulação no mercado financeiro ou em novas propriedades, enfim, acumula capital.

Em tempos de crise, o roubo e a exploração aumentam ainda mais com o desemprego e a redução dos salários, a inflação, o sistema tributário que taxa pobres e setores médios enquanto isenta bilionários. Sem falar na privatização (a preço de banana, diga-se de passagem) de patrimônios públicos, como pretendem fazer agora com os Correios, e no roubo do Orçamento público como vemos com a saúde e educação. Cada corte significa um roubo a mais da riqueza produzida pela classe para os banqueiros.

É preciso fazer com que os ricos paguem pela crise, atacando a grande propriedade e taxando os

lucros e fortunas dos bilionários para garantir vacina para todos, auxílio emergencial de R\$ 600,00 enquanto durar a pandemia, estabilidade no emprego sem redução de salários e de direitos; auxílio financeiro aos pequenos negócios, triplicar as verbas do SUS, investir num plano de obras públicas necessárias e ecológicas, como saneamento básico, moradia popular, hospitais e escolas públicas, que gere emprego e bem-estar para a maioria do povo. Além disso,

• suspender o pagamento da fraudulenta dívida pública aos bancos e especuladores;

• taxação especial de 40% das grandes fortunas dos bilionários. Zerar a tributação das pequenas empresas, enquanto durar a pandemia;

• taxação em 50% dos lucros e dividendos das grandes empresas aos acionistas;

• proibição das demissões e estatização das grandes empresas que insistirem em fechar ou demitir, como a LG e suas fornecedoras;

• proibir a remessa de lucros para fora do país;

• estatização da saúde privada com a incorporação de sua estrutura ao SUS, com o confisco de

seus lucros deste ano para investimento no combate à Covid-19;

• expropriação dos bancos e criação de um banco público único, que cancele as dívidas dos trabalhadores e do pequeno proprietário e garanta crédito às pequenas empresas e ao pequeno produtor;

• nacionalização e estatização do latifúndio e das grandes redes varejistas, sob controle dos trabalhadores, para garantir soberania alimentar ao Brasil, o fim da fome de milhões de brasileiros e combater a carestia dos alimentos;

• reestatização das empresas privatizadas, sob controle dos trabalhadores.

PANDEMIA

Com mais de 400 mil mortes, política genocida de Bolsonaro e governadores prepara terceira onda



DA REDAÇÃO

O Brasil ultrapassou as 400 mil mortes por Covid-19, segundo dados oficiais. A tragédia é gigantesca e tende a se aprofundar. De acordo com os dados, o Brasil registrou como média diária 2.375 mortes por Covid entre os dias 27 de abril e 4 de maio, em uma tendência de queda.

Mas atenção! Os cientistas alertam que essa tendência pode ser apenas um curto intervalo e que uma terceira onda da pandemia virá no inverno.

Até 1º de agosto, o Brasil pode chegar a 575,6 mil mortes, segundo projeções do Instituto de Métricas de Saúde e Avaliação (IHME) da Universidade de Washington. No pior cenário, o país atingirá 688,7 mil óbitos no mesmo período, conforme sua análise.

GOVERNOS RELAXAM MEDIDAS

Dados do boletim epidemiológico mais recente da Fundação Oswaldo Cruz (Fio-cruz), com base em números oficiais de 19 de abril, mostram que 17 capitais brasileiras tinham taxas de ocupação de leitos de UTIs em hospitais públicos superiores a 90%. Em outras cinco, estavam acima de 80%. Apenas cinco capi-



tais tinham ocupação menor do que oito a cada dez leitos.

Isso fez com que muitos governos estaduais e prefeituras reabrissem quase que totalmente o comércio. E ainda pressionam pela retomada das aulas presenciais, o que só pode ser qualificado como homicídio premeditado.

TERCEIRA ONDA DA PANDEMIA

O problema é que essa queda nas ocupações de UTIs é pequena e temporária. No final das contas, essas iniciativas geram um relaxamento nas

medidas necessárias à prevenção, aumentam a circulação do vírus e, portanto, sua possibilidade de sofrer novas mutações com variantes ainda piores do que a P1. Ao mandar novamente os trabalhadores para o abate, não garantindo isolamento social com um auxílio emergencial decente a eles e aos pequenos comerciantes, gesta-se no país uma terceira onda, mais mortífera do que a anterior.

Outra situação que terrivelmente colabora para isso vem da Índia, que se tornou agora o epicentro da pandemia. Motivos

para se preocupar não faltam. São do tamanho da população do país, mais de 1,3 bilhão. Com tamanha densidade demográfica, combinada com o mais completo descontrole da propagação do vírus, a Índia pode “fabricar” com muita facilidade muitas variantes que, inclusive, escapem da imunidade proporcionada pelas vacinas atuais.

A subnotificação por lá consegue ser ainda pior do que no Brasil. Segundo os dados oficiais, a média diária de novos casos estava em mais de 373 mil. E certamente, os números de mortos

são muito maiores do que os 220 mil óbitos registrados oficialmente. A situação é desesperadora. Piras funerárias ardem 24 horas por dia nas maiores cidades, enquanto o país asiático – que tem uma das maiores capacidades de produzir vacina no mundo – não consegue fornecer oxigênio e insumos médicos para a população. Combina-se a isso o fato de o sistema de saúde da Índia possuir um alto grau de privatização e contar com baixo investimento governamental. O resultado é um colapso que vai repercutir em outras partes do mundo. A imensa demanda naquele país por vacinas e insumos vai atrasar o processo de vacinação mundo afora, inclusive no Brasil, que conta, entre suas poucas vacinas, com o imunizante da Oxford/Astra-Zeneca, fabricado na Índia. Ou seja, a vacinação no Brasil vai ser ainda mais lenta.

“No ritmo atual, nós não vamos nem conseguir vacinar as pessoas antes que alguma variante brasileira, ou da África do Sul, ou da Índia, ou da Inglaterra, escape às vacinas. Essa variante indiana é assustadora. Se as variantes entrarem aqui e passarem a competir com a P-1 (variante brasileira), e as vacinas que temos não derem conta, podemos ter um milhão de óbitos até 2022”, explicou o neurocientista Miguel Nicolelis.

CRIMINOSOS

Governos pressionam pela retomada das aulas presenciais

FLAVIA BISCHAIN,
DE SÃO PAULO (SP)

Existe uma pressão generalizada nos estados e municípios pelo retorno presencial ou híbrido (parte presencial, parte à distância), apesar da gravidade da pandemia. Até o momento, a suspensão das aulas presenciais é uma das poucas medi-

das que garante algum tipo de isolamento.

Em São Paulo, João Doria (PSDB) se antecipou e decretou a educação como serviço essencial antes mesmo que a Câmara dos Deputados votasse favorável ao Projeto de Lei (PL) 5.595/2020, que proíbe a suspensão das aulas presenciais em qualquer mo-

mento epidemiológico. O PL foi retirado da pauta do Senado no dia 29 de abril último.

Dizer que a educação é serviço essencial na pandemia significa levar mais desgraça a população, impondo aulas presenciais em um momento em que o número de mortes e contaminação segue muito alto. Uma

simulação feita por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) mostra que um aluno infectado em sala de aula pode transmitir Covid para 60 pessoas.

Isso afeta especialmente os mais pobres. A pobreza também é fator de risco para Covid e são exatamente os negros e

moradores das periferias, onde ficam a maior parte das escolas, que estão entre as principais vítimas. Na periferia de São Paulo, por exemplo, o número de mortes é três vezes maior do que nos bairros ricos.

Enquanto a vacina não chega para todos, é preciso garantir as condições ao isolamento. Isso



significa garantir auxílio emergencial digno, auxílio alimentação aos estudantes e suas famílias e condições para que todos tenham acesso ao ensino remoto em caráter temporário e emergencial.

É bom lembrar que o PL 3.477/2020, que garantia internet para estudantes e professores das escolas públicas, foi integralmente vetado por Bolsonaro. Enquanto isso, 5,5 milhões de crianças e adolescentes continuam sem acesso ao ensino remoto e, portanto, têm o seu direito à educação negado.

A Secretaria Estadual da Educação de São Paulo alega que as escolas são seguras para o retorno, mas não publica os dados de contaminação nas escolas. Há inúmeros relatos de professores que se contaminam e são impedidos de avisar a comunidade escolar.

A Secretaria da Educação ainda diz que o risco de contaminar é menor na escola do que fora dela. Mas uma pesquisa realizada pela Rede Escola Pública

e Universidade (Repu) contesta a informação e afirma que o índice de contaminação dos professores é três vezes maior do que na população na mesma faixa etária (25 a 59 anos). Em São Paulo, só na rede estadual, 2.412 pessoas se contaminaram, das quais 83 vieram a óbito, a maioria professores e funcionários.

No Rio Grande do Norte, o governo foi derrotado na justiça e revogou o decreto que obrigava o retorno às aulas presenciais. No Rio Grande do Sul, o processo segue judicializado, e o governo tenta burlar a decisão da justiça contra o retorno na fase preta. Em São Paulo, uma sentença da justiça impede o retorno nas fases vermelha e laranja, mas não está sendo cumprida nem pela Secretaria da Educação, nem pelos donos das escolas privadas. Em Pernambuco, Florianópolis, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Araraquara os trabalhadores da educação estão em greve.

SENADO APROVOU MEDIDA

Quebrar patentes e garantir **vacinação pra todos**

No dia 29 de abril último, o Senado aprovou PL que permite a quebra de patentes de vacinas contra a Covid-19, de medicamentos e também de testes de diagnóstico. O projeto de lei agora vai para a Câmara de Deputados, onde Bolsonaro trabalha para derrubá-lo.

As patentes são o monopólio de produção e comercialização que a grande indústria farmacêutica tem sobre as vacinas. Hoje meia dúzia dessas empresas tem o direito exclusivo de produção e venda delas – a maioria desenvolvida com dinheiro público –, o que impede a fabricação massiva dos imunizantes. Essa situação tem produzido a escassez de vacinas nos países pobres e periféricos do sistema. A Índia, por exemplo, tem uma das maiores capacidades de produção de vacinas do mundo. Enquanto sua

população morre de Covid, sua capacidade de fabricar vacina em massa é paralisada para que as grandes farmacêuticas lucrem bilhões. Para essas empresas, o lucro não é mais importante do que a vida, e vão faturar mais de R\$ 50 bilhões somente este ano.

O Brasil está prestes a enfrentar a terceira onda da pandemia. Ao mesmo tempo, a vacinação anda a passo de tartaruga. No melhor dos cenários, o país terá algo superior a 100 milhões de imunizantes apenas em setembro próximo.

Por isso a quebra de patentes é urgente. Permitirá a produção em massa no país e a rápida vacinação da população brasileira, uma vez que Sistema Único de Saúde (SUS) tem capacidade de vacinar mais de 2 milhões de pessoas por dia. Além

do Instituto Butantã e da Fiocruz, há 30 laboratórios de saúde animal que afirmam ter condições de entregar 400 milhões de doses de imunizantes contra o coronavírus em um prazo de apenas três meses.

Mas Bolsonaro já mandou avisar que não quer enfrentar os capitalistas da indústria farmacêutica, nem as potências imperialistas que são contra a quebra de patentes. Como um bom capacho, ordenou que o Brasil votasse contra a quebra das patentes proposta pela África do Sul na Organização Mundial do Comércio (OMC). E, agora, o genocida vai tentar comprar os deputados da Câmara para engavetar a proposta.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/JMPD2](https://pstu.ml/jmpd2)



VALE DO PARAÍBA

Greves de operárias continuam

Todo apoio e solidariedade à greve



ANA CRISTINA SILVA,
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

As trabalhadoras da Blue Tech e 3C, em Caçapava, e Sun Tech, em São José dos Campos, em nova assembleia, aprovaram por unanimidade a retomada das greves nas três empresas a partir desta quarta-feira (5). As paralisações haviam sido suspensas na última segunda-feira (3) à espera de audiências de conciliação na terça-feira (4), com a condição de que se não houvesse acordo as greves seriam retomadas. E foi o que aconteceu.

Na audiência conduzida pelo TRT da 15ª Região de Campinas, as montadoras terceirizadas propuseram o equivalente a 70% da indenização oferecida pela LG aos trabalhadores da fábrica de Taubaté. Acordo que incluiria uma indenização que varia entre R\$ 12 mil e R\$ 73 mil, conforme o tempo de fábrica e o salário de cada trabalhador; PLR (Participação nos Lucros e Resultados) e extensão do plano médico até 31 de janeiro de 2022.

A proposta foi considerada discriminatória pelas trabalhadoras e trabalhadores das

terceirizadas que, na prática, são responsáveis pela produção de 95% dos celulares da marca. Como destacaram por várias vezes as operárias, em Taubaté, é feito apenas o acabamento final. Ou seja, quem garante a produção de todos os celulares da marca são essas trabalhadoras terceirizadas.

A própria Justiça já reconheceu como “fraudulenta” a relação entre a LG e as três fornecedoras. Segundo decisão do Tribunal, assinada no último dia 27, a LG promovia terceirização fraudulenta na contratação das fábricas que, na prática, atuam exclusivamente para a fabricante coreana.

Segundo o Ministério Público do Trabalho, que moveu a ação, existem todos os elementos de vínculo empregatício entre os trabalhadores terceirizados e a LG. A condenação determina que a LG regularize a situação de todos os empregados, registrando-os como seus. Em caso de não cumprimento, a empresa terá de pagar uma multa no valor de R\$ 50 mil por cada trabalhador encontrado em situação irregular.



Assembleia realiza na manhã de 5 de maio decide pela continuidade da greve

MULTINACIONAL QUER SE SAFAR

Apesar de participar da audiência de conciliação, a LG simplesmente se negou a negociar e não apresentou nenhuma proposta. Informou, inclusive, que irá recorrer da decisão do Tribunal.

“Depois de lucrar por vários anos às custas da superexploração, através de terceirizações fraudulentas por vários anos, a multinacional sul-coreana simplesmente não quer se responsabilizar por mais de 400 demissões que sua decisão global de encerrar a produção de celulares irá causar. Não vamos aceitar essa demissão em massa e o calote que querem dar nos direitos sem lutar”, afirma o presidente do Sindicato, Weller Gonçalves.

Weller reafirmou que a luta por empregos e direitos poderia ser ainda mais forte, caso o Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté, filiado à CUT, tivesse unificado a mobilização, como reivindicou o Sindicato de São José e as trabalhadoras terceirizadas.

“Mas, o sindicato cutista optou por dividir a luta e priorizar uma negociação que selou a demissão em massa de mais de 700 trabalhadores em Taubaté”, criticou.

“Ô LG, PRESTE ATENÇÃO, SEM AS TERCEIRAS NÃO TEM PRODUÇÃO”

A mobilização iniciada pelas operárias e operários terceirizados no dia 6 de abril ganhou repercussão nacional e internacional por enfrentar a decisão da LG e para garantir seus empregos e direitos. Foram 28 dias de paralisação, suspensa apenas nos dias 3 e 4 de maio para aguardar a audiência no TRT. Agora, as greves retornam e o clima é de indignação com a falta de sensibilidade e a ganância das empresas.

“O retorno foi uma decisão unânime e demonstra que somos mais fortes do que as empresas estão pensando. A gente não ia se deixar abalar, pois deixamos bem claro que a greve só foi suspensa para aguardar a audiência, o que garantiu o pagamento dos 28 dias parados. Agora, sem acordo, voltamos com mais união e disposição. A LG tem de nos respeitar e reconhecer nosso trabalho”, disse A., trabalhadora que tem participado ativamente da mobilização.

Os piquetes, que foram mantidos mesmo durante a suspensão temporária de um dia das greves, seguirão nas portas das três empresas. “Não vamos permitir que tentem retirar máquinas e equipamentos e ainda por

cima nos dar calote. A nossa luta continua para defender nossos empregos e direitos”, afirmou.

TODO APOIO E SOLIDARIEDADE A GREVE

Nas várias manifestações realizadas desde o início da mobilização, as trabalhadoras e trabalhadores da Blue Tech, 3C e Sun Tech entoaram a palavra de ordem: “ô LG, preste atenção, sem as terceiras não tem produção”. Uma afirmação corretíssima que expressa uma realidade e que aponta a única forma de pressionar a patronal.

As greves nas três empresas terceirizadas da LG é um exemplo de que, apesar de todas as dificuldades e desafios impostos pela pandemia, somente a luta pode enfrentar os ataques das empresas e dos governos.

Essa luta precisa ser coberta de todo apoio e solidariedade para que possa ser ainda mais fortalecida e para pressionar a LG, as empresas fornecedoras que também lucraram muito às custas da exploração imposta aos seus funcionários, e governos, que até agora não se pronunciaram em defesa dos empregos. O PSTU estará ombro a ombro com essas operárias e operários

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/BX5WF](https://pstu.ml/bx5wf)



POLÊMICA

PT, PSOL e o debate sobre a Frente Ampla**EDUARDO ALMEIDA,**
DE SÃO PAULO (SP)

Em meio a uma explosiva situação social, o PT e o PSOL se movimentam olhando para as eleições de 2022. O PT se fortaleceu com a liberação de Lula, novamente viável como candidato à presidência. Busca, agora, costurar uma “Frente Ampla”, que inclua partidos tradicionais da burguesia, negociando com PSDB e DEM. Não foi por acaso que o ato de 1º de maio, da CUT, Força Sindical, CGT e outras centrais, incluiu FHC e Ciro Gomes (PDT). O presidente da Câmara Rodrigo Maia (DEM) e do Senado, Davi Alcolumbre (DEM), foram convidados, mas não compareceram.

O PT argumenta que a essa frente amplíssima é para derrotar Bolsonaro. Lula está tentando esvaziar a movimentação da grande burguesia para encontrar um candidato liberal de direita, como Luiz Henrique Mandetta (ex-ministro da Saúde de Bolsonaro), Ciro, Doria (governador tucano de São Paulo) ou outro. Ou, pelo menos selar, desde agora, um acordo para um segundo turno, atrelado a um projeto de governo de unidade nacional.

No campo do PSOL já está instalado um debate público sobre o tema. A maioria da direção defen-

de o apoio a Lula, já no primeiro turno. A isso se somam negociações para os governos estaduais.

No Rio de Janeiro, Marcelo Freixo anunciou a defesa de uma frente com Eduardo Paes (DEM) e Rodrigo Maia para o governo do estado. Lula já manifestou apoio a Freixo. Em São Paulo, Boulos anunciou sua intenção de ser candidato da frente eleitoral capitaneada por Lula. Logo depois, o psolista foi aos Jardins, jantar e conversar com Marcos Pereira, presidente do Republicanos, partido ligado à Igreja Universal e que abriga os filhos de Bolsonaro. Depois, discutiu com o PT, PCdoB e PSB. Essas movimentações levaram a distintas declarações de setores da esquerda do PSOL.

DA CRISE ATUAL ÀS ELEIÇÕES

Vivemos uma crise social e política gigantesca. Os efeitos de um dos maiores desastres sanitários da história se somam à dura crise econômica, causando miséria e fome. A polarização política vai crescendo, com a passagem para a oposição da maioria dos trabalhadores e da classe média, e um aumento do ódio contra Bolsonaro, que, contudo, mantém uma base de apoio minoritária, não desprezível.

Os trabalhadores estão em

uma situação defensiva. Sofrem um ataque brutal e, nesse momento, a possibilidade de grandes mobilizações é bloqueada por temor ao desemprego e a luta pela sobrevivência na pandemia. Muitos estão enterrando seus mortos, abalados por suas perdas e buscando sobreviver como dá. O ódio cresce, mas sem gerar grandes mobilizações, ao menos até o momento.

PT, a maioria da direção do PSOL, a CUT e as demais Centrais (com exceção da CSP-Conlutas e da Intersindical – Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora) não ajudam a fortalecer as mobilizações e a construir uma Greve Geral Sanitária. Ao contrário, jogam a favor de apontar para as eleições de 2022.

Pode ser que exista uma grande explosão social, como ocorreu no Chile ou nos EUA? Isso não está assegurado e a conjuntura favorece para que a insatisfação seja canalizada para as eleições.

O PESO DA CANDIDATURA DE LULA

A seu favor, Lula conta com o crescente anti-bolsonarismo. Além disso, o governo Lula está na memória das massas, não apenas pela corrupção, mas também pelo crescimento econômico daquele momento.

**LEIA NO SITE:**
[HTTPS://PSTU.ML/N5JN6](https://pstu.ml/n5jn6)

Mas estamos longe das eleições e nada está assegurado. Lula pode ter sucesso em obter apoio majoritário do grande capital e pode chegar às eleições como expressão de um governo de “unidade nacional” contra Bolsonaro. Como disse em entrevista, em 17 de abril, à agência de notícias “Al Jazeera”: “Os empresários brasileiros, os donos de fundos, os banqueiros deveriam estar todo dia fazendo uma reza e pagando promessa para que eu voltasse a governar o Brasil.”

Lula já disse que quer ser o “Biden brasileiro”. Caso eleito, seguramente terá excelentes relações com o imperialismo norte-americano.

Concordamos que é necessário derrotar Bolsonaro. É por isso que estamos na linha de frente da defesa de um movimento de massas para derrotá-lo através das mobilizações de massas. Polemizamos com o PT e a direção da CUT porque eles querem levar tudo para as eleições. Também achamos importante derrotar Bolsonaro nas eleições de 2022. Mas não para respaldar outro governo burguês, apoiado pela burguesia e o imperialismo. Mais uma vez, como foi nos anos de governos petistas, as grandes empresas que apoiaram Bolsonaro nos últimos anos seguirão mandando.

DISCUSSÃO PÚBLICA

Debates no PSOL sobre a Frente Ampla

No PSOL, evidentemente, o que está em debate não é apenas uma tática eleitoral. A discussão é sobre o fato do PSOL aceitar, ou não, ser parte de um governo nacional, assim como estaduais, junto com o PT e partidos da burguesia.

O debate ao redor da proposta de Freixo, no Rio, já evoluiu para uma crise, em função da proposta de bancar uma frente com Paes e Rodrigo Maia. Boulos faz movimentos para ser o candidato da frente em São Paulo, e, com o encontro com Marcos Pereira, já sinalizou sua disposição em ter a mesma “flexibilidade” de Freixo.

O PSOL, até hoje, não fez parte dos governos do PT em

nível nacional, nem nos estados. Seria uma importante mudança de rumos.

O PSOL é essencialmente um partido eleitoral, que defende reformas nos limites do sistema capitalista. Não é um partido revolucionário e nem mesmo um partido centrista; ou seja, que possa vir a oscilar entre a revolução socialista e a manutenção da democracia burguesa. À semelhança do Syriza (Grécia) ou do Podemos (Estado Espanhol), o PSOL é um partido eleitoral, que se propõe a compor um governo com o PT, de aliança com a burguesia.

Sabemos que na base do PSOL há muitos ativistas que são socialistas, querem acabar

com o capitalismo e acreditam que o PSOL é (ou pode vir a ser) um instrumento para essa luta. Mas é um fato que a direção deste partido, assim como as suas principais correntes internas, estão concentradas na busca de alternativas para as eleições, mesmo diante desta situação dramática do país.

O PSTU defende a mais ampla unidade de ação pela derubada do governo Bolsonaro, já. E defenderemos, nas eleições de 2022, uma alternativa socialista, independente de todos os setores da burguesia. Nossa proposta é categoricamente distinta dessa “frente ampla” do PT, PSOL e partidos da burguesia que está sendo montada.

POLÊMICA

O progressismo e a “inclusão” dos oprimidos

BERNARDO CERDEIRA
DE SÃO PAULO (SP)

As primeiras décadas deste século têm sido marcadas por importantes mobilizações de povos e setores oprimidos: grandes mobilizações por autodeterminação nacional, como as da Catalunha, no Estado Espanhol; as mobilizações de negros e negras nos Estados Unidos, contra a violência policial e o racismo, e que se estenderam a vários países; as mobilizações de mulheres na Argentina, que levaram à aprovação do direito ao aborto; e as greves de mulheres, na comemoração do 8 de março, dentre muitas outras.

Essas mobilizações têm sido dirigidas por diversos grupos “progressistas”, reformistas e democráticos radicais, que reivindicam direitos democráticos para os setores oprimidos. Esses grupos, em geral, têm um papel progressivo quando levam às ruas milhares ou até milhões de pessoas para lutar contra as opressões. Exemplos disto são as mobilizações nos Estados Unidos contra a violência policial, dirigidas pelo movimento “Black LivesMatter” (“Vidas Negras



Carrefour, cujas seguranças recentemente mataram um cliente negro, e agora promove um Primeiro Fórum antirracista. Tal iniciativa pretende usar as pautas identitárias para restabelecer a imagem do grupo.

Importam”) ou o movimento “Maré Verde”, que organizou a luta pela legalização do aborto na Argentina.

OS LIMITES DAS POLÍTICAS “IDENTITÁRIAS”

No entanto, esses mesmos movimentos, chamados “identitários” (ou seja, que baseiam suas análises, políticas, programa e estratégias nas “identidades” de gênero, orientação sexual

ou raça-etnia), têm sérias limitações porque estão presos aos limites de reformas democráticas do sistema capitalista. Essas limitações ficam ainda mais evidentes quando a burguesia tenta controlar as mobilizações e a indignação dos setores oprimidos.

Por exemplo, atualmente empresas e políticos burgueses levantam propostas de “inclusão” desses setores discriminados nas empresas e na sociedade e a ado-

ção da “diversidade”, assim como a promoção de “oportunidades” para negros, mulheres e LGBTIs.

Um caso emblemático é o do Carrefour, cujas seguranças, em novembro passado, mataram um cliente negro, e, recentemente, promoveu o Primeiro Fórum de Fornecedores, Parceiros e Varejistas (as “partes interessadas” na empresa, de acordo com a ideologia do “capitalismo consciente”), que aprovou lançar um Fórum Permanente Antirracista.

Esta iniciativa conta com a colaboração e participação da Central Única das Favelas (Cufa), do Instituto Locomotiva (especializado em pesquisas) e do Instituto Luiz Gama, dirigido pelo advogado negro Silvio Almeida (autor do livro “Racismo Estrutural”). Seu objetivo, segundo matéria paga do Carrefour, publicada em 30 de abril, é “convocar os empresários brasileiros a aderir a três princípios essenciais para mudar a realidade brasileira: diagnosticar a diversidade entre os colaboradores, desenvolver políticas antirracistas e promover ações de letramento racial.”

Outras empresas, como a Magalu, têm iniciativas parecidas. É uma política de um setor de

grandes empresários capitalistas. Essas ideias de “inclusão”, busca da diversidade, “empoderamento” das mulheres, negros e LGBTIs, são propostas de soluções individuais para o problema das opressões sem ultrapassar os limites da sociedade capitalista.

O objetivo da burguesia é evidente. Até agora, promoveram e se beneficiaram das opressões de negros, mulheres e LGBTIs. Agora, quando crescem a indignação e a luta contra as opressões, querem desviá-las por meio de algumas concessões e da domesticação dos movimentos e suas organizações.

O problema é que muitos dos chamados movimentos identitários, organizações não-governamentais, ou ONG’s (a Cufa e o Luiz Gama são apenas algumas delas), intelectuais e movimentos progressistas em geral, colaboram, aderem e defendem essas ideias de inclusão. Essa posição dos setores ditos progressistas coloca uma questão: a conquista de reformas democráticas, como o direito ao aborto ou as cotas para negros e negras nas universidades, sem dúvida, são avanços, mas isso resolve o problema das opressões?

DEPENDER DE BOA VONTADE?

Inclusão e busca da diversidade são declarações de intenções

A proposta de “inclusão” trata de incorporar indivíduos “excluídos” dos benefícios da sociedade capitalista, dita democrática. Há uma contradição flagrante, aí: esse enfoque reconhece que a suposta “democracia” capitalista no Brasil atual “exclui” ou oprime, por racismo, 56% da população do país que, no Censo, se declara preta ou “parda” e os 51% que são mulheres. Ora, uma “democracia” como essa, que se baseia na opressão da maioria, não tem coisa alguma de democrática.

Sendo assim, qualquer mudança real e substancial dessa maioria oprimida, de dezenas de milhões de seres humanos, não pode se dar por meio da “inclusão” de indivíduos. E, para ser efetiva, não pode depender da “boa-vontade” ou da consciência de alguns empresários, empresas ou, até, de algumas instituições do governo para “incluir” mais negros ou mulheres.

Mas, a razão principal é que o sistema capitalista não é nada racional ou conscien-

te (como demonstramos no artigo “O ‘progressismo’ e a ideia de um capitalismo racional e consciente”, na edição anterior). Seu único princípio é a propriedade privada dos meios de produção, seu único critério moral é o lucro e, para consegui-lo, tem que se apropriar de uma parte do trabalho não-pago de seus trabalhadores; ou seja, tem que explorá-los. E, portanto, não atende aos chamados à sua consciência para “incluir” os oprimidos.



CONCESSÕES PARCIAIS E TEMPORÁRIAS

O capitalismo utiliza as opressões para explorar mais

As opressões de povos inteiros ou de setores de uma sociedade, como as mulheres, negros e LGBTI's, pode ser muito antiga, e até milenar. Mas, foi o sistema capitalista que incorporou todas essas opressões e as utilizou para aumentar crescentemente os seus lucros.

Por exemplo, a partir dos anos 1500, a burguesia escravizou os povos indígenas e, principalmente, iniciou o altamente lucrativo negócio do tráfico de cativos africanos, utilizando a força de trabalho escrava para o estabelecimento, nas Américas, de uma intensa produção de bens para o mercado mundial.

Hoje em dia, o capitalismo

utiliza a opressão nacional para explorar os trabalhadores e extrair riqueza dos países pobres. Ou usa as opressões de negros, mulheres e LGBTI's para forçar os setores oprimidos a assumir os empregos menos qualificados e com salários menores, diante da ameaçado desemprego.

Dessa forma, também consegue rebaixar os salários de todos os trabalhadores. E, por outro lado, usa as ideologias racista, machista e legbtófica para justificar as diferenças, jogar um setor dos trabalhadores contra os outros e dividir a classe.

O sistema capitalista pode até fazer concessões democráticas quando pressionado por

setores em luta. Pode promover alguns indivíduos ou até grupos inteiros. Pode, inclusive, diminuir a opressão sobre um setor por algum tempo. Em algum país mais rico, ou em países imperialistas, como seria correto chamar, pode conceder direitos e melhores condições de vida aos trabalhadores e, também, aos oprimidos, por um determinado período; mas porque consegue enormes lucros, explorando os trabalhadores de dezenas de países pobres.

Nós, socialistas, pensamos que é preciso lutar por reformas democráticas ou benefícios imediatos, porque significam conquistas contra a opressão.



Luiza Trajano, dona da Magalu, usa o discurso do empoderamento feminino como proposta de soluções individuais para o problema das opressões

Estaremos sempre na vanguarda de tais lutas. Mas, é preciso ser consciente que essas concessões sempre serão parciais e temporárias e serão retiradas no momento em que ocorrer a primeira crise econômica, social ou política. É só ver como, no Brasil, na recente pandemia, os setores mais atingidos pelas contaminações, pelas mortes,

desemprego e fome são justamente os negros e as mulheres.

Ou seja, se a exploração está na essência do sistema capitalista, as opressões também são parte desse sistema. Não é possível acabar com todas as formas de opressão sem antes acabar com o sistema que as sustenta, incorpora e reproduz. Mas, como fazer isso?

SUPERAR O SISTEMA

Para acabar com as opressões é preciso acabar com o capitalismo



Só uma mudança radical e real nas leis do regime político e do Estado opressor e, principalmente, nas condições econômicas dos setores oprimidos, pode acabar de fato com essa situação. Mas, uma mu-

dança dessa envergadura implica em uma alteração radical das relações de classe. Isto é, só seria possível se milhões de pessoas oprimidas e exploradas se mobilizassem para acabar de vez com esse sistema.

As lutas por questões democráticas, o que inclui a luta contra as opressões, nacional, racial ou por identidade de gênero e orientação sexual, não podem ser adiadas: são imediatas, fundamentais e podem chegar a ser

revolucionárias. Os socialistas estão, e sempre estaremos, presentes nessas lutas, junto com os movimentos contra as opressões, sempre que mobilizarem por essas bandeiras.

No entanto, quando esses movimentos atuam como uma correia de transmissão das manobras da burguesia para conter e domesticar o movimento dos oprimidos; ou quando difundem ilusões na possibilidade de acabar com as opressões por meio de concessões no interior do capitalismo, somos e seremos os primeiros a denunciar que tanto essa política quanto essa ideologia burguesa só podem conduzir os movimentos dos oprimidos a um beco sem saída.

Por isso, mais do que nunca é importante alertar a todos os setores oprimidos: as opressões só serão eliminadas, efetiva e definitivamente, quando eliminarmos o capitalismo. E, para isso, é preciso uma revolução social que destrua esse

Estado opressor, que é o instrumento da burguesia para garantir sua dominação como classe exploradora.

Uma revolução desse tipo só pode ser conduzida pela classe trabalhadora, a classe que é a responsável pela produção e distribuição e que tem o poder de controlá-las. Por outro lado, os setores oprimidos, como os negros e as mulheres são, também, os setores mais explorados entre os trabalhadores.

Por isso, é tão importante que a classe trabalhadora assuma as bandeiras de luta contra o racismo, contra a opressão das mulheres e das LGBTI's, para reunificar a classe e se colocar à frente dos setores oprimidos na luta para derrubar o capitalismo e instituir um Estado dos trabalhadores, que inicie a obra de acabar com todas as formas de exploração e opressão.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/6MR6L](https://pstu.ml/6MR6L)

LEVANTE

Diante de protestos, governo colombiano apela para massacre



DA REDAÇÃO

No dia 1º de maio, após dias de massivos protestos na greve nacional, iniciada em 28 de abril, o governo do presidente Iván Duque Márquez ordenou a militarização das cidades, para tentar conter as mobilizações que, contudo, continuam, apesar de terem sido brutalmente atacadas pela Polícia Nacional.

Oficialmente, 19 pessoas foram assassinadas pela polícia. Mas, várias entidades de direitos humanos falam em 35, 40 e até 72 mortes, como a organização “Defender a Liberdade”. E, provavelmente, o número é próximo disso, pois, segundo a Defensoria Pública do país, há 87 pessoas desaparecidas. Há, ainda, mais de 400 pessoas presas, dezenas de casos de espancamentos e de estupros.

Sob ordem de Iván Duque, a Polícia Nacional invadiu casas e conjuntos residenciais, usando armas de fogo e disparando sobre os manifestantes para dispersá-los.

REFORMA TRIBUTÁRIA: ESTOPIM DA REVOLTA PELA VIDA

Os protestos começaram a tomar o país no dia 28 de abril, contra o governo de Iván Duque, por conta de um projeto de Reforma Tributária, que pretendia tributar a população mais pobre para arrecadar US\$ 6,78 bilhões. Foi o estopim dos protestos.

No ano passado, de acordo com os números maquiados do Departamento Administrativo Nacional de Estatística (Dane), a pobreza extrema atingiu 42,5% da população, um aumento de quase sete pontos em relação a 2019, que foi de 35,7%. Em outras palavras, a pandemia deixou cerca de 3,6 milhões de pessoas em extrema pobreza.

O governo Duque vive uma crise e não tem respaldo para avançar. Segundo pesquisa da Polimétrica, realizada antes dos protestos, 65% dos colombianos desaprovam sua gestão. A insatisfação com o governo deu um salto após greves e mobilizações realizadas no dia 21 de novembro de 2019.

A pandemia, contudo, agravou ainda mais a crise econômica e social do país. Em junho de 2020, explodiram novos protestos, com greves nacionais. Em setembro, uma nova onda de manifestações foi reprimida pela polícia, provocando a morte de pelo menos 13 pessoas nas mãos das forças repressivas de Duque.

A rebelião na Colômbia é expressão de exigências econômicas e sociais muito profundas, agravadas pela pandemia. Isso levou aos protestos que começaram em 28 de abril, e que explodiram em meio da agressiva terceira onda da Covid-19.

“A juventude, a classe trabalhadora e os pobres – apesar da pandemia – foram às ruas arriscando suas vidas, não só diante da possibilidade de contágio, mas também diante da repressão policial. As massas não estão saindo às ruas só para enfrentar a Reforma Tributária e o pacote de Duque; mas, também, para protestar contra as condições de miséria em que vivem”, explica em nota o Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), filiado à Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QL).

“SOS COLÔMBIA” CONTRA UM MASSACRE EM CURSO

A polícia foi com tudo pra cima dos manifestantes. Na noite de 1º de maio, Duque disse que apelaria para a “assistência militar”, figura da Lei 1.801, de 2016, ou Código Policial, que se define como “o instrumento legal que pode ser aplicado quando atos de grave alteração da segurança e da convivência o exigirem, ou perante risco ou perigo iminente, ou para enfrentar uma emergência ou calamidade pública, através da qual o Presidente da República poderá dispor, temporária e excepcionalmente, do apoio da força militar”.

Diante da impossibilidade de conter os protestos, cujo epicentro foi a cidade de Cali, no Sudoeste da Colômbia, Duque apelou para o massacre. A polícia foi assumindo o controle nas cidades, passando por cima das prefeituras, que se limitaram a dar declarações de apoio às instituições.

Nas horas seguintes, come-

çaram a pipocar várias denúncias da barbárie policial nas redes sociais, sob a hashtag “#SOScolombia”, enquanto o silêncio imperava na grande mídia do país que, muitas vezes, chamou os manifestantes de baderneiros, vândalos etc.

COLOMBIANOS NÃO SE CURVAM DIANTE DA REPRESSÃO BRUTAL E CRIMINOSA

Mesmo a repressão sangüinária não intimidou os manifestantes. As ruas seguiram ocupadas. No dia 2 de maio (domingo), o governo anunciou a retirada da Reforma Tributária, estopim da convocatória para a paralisação nacional e as mobilizações desde 28 de abril. O recuo foi motivo de festejos em várias cidades, mas as mobilizações continuaram em todo o país. No dia 3 (segunda-feira), o ministro da Fazenda, Alberto Carrasquilla, renunciou.

“Porém, o povo está nas ruas e está disposto a continuar lutando, a continuar convocando as mobilizações em uma Greve Nacional (...). Milhares de jovens, camponeses, mulheres, comunidades afros e indígenas e a classe trabalhadora vão às ruas, não só contra a Reforma Tributária, que foi rejeitada, até pelos partidos do governo, mas contra as condições de pobreza e miséria que tiveram que suportar por décadas e que pioraram durante a pandemia”, explica o PST.

No momento em que fechávamos essa edição, vários movimentos e entidades, pressionados pela persistência dos protestos em todo o país, estavam fazendo um chamado para manter as mobilizações e pela convocação de um grande protesto nacional, na quarta-feira, 5 de maio.

Mas, o PST faz um alerta: “Urge, também, uma Reunião de



#SOScolombia



Ato em homenagem as vítimas da bárbara repressão do Esquadrão Anti-motim, a ESMAD



Ativista alvejado pela repressão

Emergência, que possa dirigir a Greve Nacional contra o governo de Duque, porque o Comitê Nacional de Greve, controlado pelas burocracias sindicais, não tem conseguido assumir a liderança. É preciso uma nova direção das or-

ganizações sindicais e populares para enfrentar esta declaração de guerra do governo Duque contra a classe trabalhadora e os pobres”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/TYTQO](https://pstu.ml/tytqo)

#SOSCOLÔMBIA

É preciso denunciar massacre e organizar protestos internacionais

As organizações da classe trabalhadora, defensoras dos direitos humanos, sociais e populares devem se solidarizar com as lutas na Colômbia e denunciar o massacre do governo Duque.

É necessário fazer uma campanha internacional, em torno do “#SOScolômbia”, apoiando as lutas, com mobilizações no exterior e protestos nas embaixadas colombianas, exigindo o fim deste massacre. Aqui no Brasil, já há um ato convocado, em São Paulo, na frente do Consulado da Colômbia, no dia 6 de maio, às 10h, por iniciativa da CSP-Conlutas, CUT, CTB, Intersindical e outras centrais. Participe, usando máscaras e respeitando o distanciamento social.

mural

PARTIDO

Rafael, presente!

O sorriso de Rafael Alpheben nos deixou neste dia 25 de abril. Morreu de um infarto fulminante, uma semana depois de perder seu pai. Era jovem, tinha pouco mais de 30 anos. Por vários anos militou no PSTU em Campinas, deixando uma grande quantidade de amigos e camaradas.

Rafa era humilde, curioso e conversador. Também tinha opiniões firmes e sempre as

manifestava, mas sempre estava disposto a escutar outros pontos de vista.

Rafa estudou Serviço Social na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e foi ativista estudantil desde cedo. Depois de se formar passou a atuar como trabalhador social e sempre se manteve ativo política e sindicalmente. Em seu dia a dia, demonstrava grande preocupação pelas pesso-

as que o rodeavam e grande sensibilidade em relação ao sofrimento dos trabalhadores e jovens que atendia.

O PSTU presta as mais sinceras condolências à família de Rafa. Não podemos imaginar a dor que estão sentindo seus familiares próximos depois de perderem Rafa e seu pai em menos de uma semana.

Todos os que o conhecíamos guardamos um enorme carinho por Rafa. Infelizmen-

te não poderemos mais contar com seu sorriso fácil e sua luta diária em defesa dos trabalhadores e da juventude. Em nome de Rafa e dos muitos caídos de nossa classe nessa pandemia, seguiremos lutando para acabar com a opressão e a exploração capitalista. Seguiremos com raiva contra esse sistema, mas também com a ternura que caracterizava nosso grande companheiro. Camarada Rafa, presente!



Rafael Aufheben e seu pai

BRASIL MAD MAX

Projeto de Bolsonaro dá margem a milícias fiscalizarem meio ambiente



Com orçamento duas vezes maior do que o do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a Operação Verde Brasil 2, que colocou 3,4 mil membros das Forças Armadas para combaterem o desmatamento em 15 de maio de 2020, já se demonstrou um verdadeiro fracasso. Como mostram os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), entre agosto de 2019 e julho de 2020, houve um aumento de 34,5% nos alertas de desmatamento em relação ao mesmo período do ano ante-

rior. Ao todo, foram 9.205km² desmatados, mais de um milhão de campos de futebol.

Há denúncias de o dinheiro destinado às operações serviu para outros fins, como reforma de quartéis, pinturas de meio-fio etc..

Diante dessa realidade, agora Bolsonaro quer dar poder de fiscal aos policiais militares, que atualmente apenas auxiliam fiscais nos estados para proteger os que exercem a função no Ibama e no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) durante as atuações. O projeto tem apoio

de Ricardo Salles, o bandido que extinguiu o Ministério do Meio Ambiente. Colocar a polícia para aplicar multa e fiscalizar o meio ambiente não é uma boa ideia. Em muitas regiões, como nos grotões da Amazônia, soldados da corporação atuam como jagunços fardados de fazendeiros, grileiros de terra e da garimpagem. Assim, uma medida como essa pode dar mais poder às milícias armadas de latifundiários, oriundas do poder público. Em suma, Bolsonaro quer avançar com seu projeto de unificação das milícias em todo o país.

JAGUNÇADA NÃO TIRA QUARENTENA



Sindicato é invadido por madeireiro

Um grupo de aproximadamente 100 madeireiros invadiu o Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais de Santarém na manhã do último dia 3 de maio. O ataque se deu após uma decisão em que o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1) suspendeu a liminar da Justiça Federal de Santarém que permitia a exploração de madeira na Reserva Extrativista (Resex) Tapajós Arapiuns, na extensão dos municípios de Santarém e Aveiro (PA), onde vivem cerca de 22 mil pessoas, entre indígenas e não indígenas. A decisão do TRF-1 acatou ação movida pelo sindicato de Santarém, pelo Conselho Indígena Tapajós Arapiuns (Cita) e pela organização Terra de Direitos.

A invasão é parte da escalada do setor madeireiro em

“passar a boiada”, que vem sendo apoiada pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. Nunca é demais lembrar que essa é a mesma região em que ocorreu uma das maiores apreensões de madeira ilegal, na qual o ministro é o maior advogado dos madeireiros, inclusive é denunciado por interferir na operação da Política Federal, culminando com a demissão de Alexandre Saraiva, superintendente da Polícia Federal do Amazonas.

A tensão na região se ampliou com a criação de cooperativas fantasma pelos madeireiros. Por isso foi pedido a suspensão dos procedimentos e da aprovação dos planos de manejos florestais dentro da Resex sem consulta prévia às 78 comunidades tradicionais e aldeias que vivem na reserva.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/A9ZB7](https://pstu.ml/A9ZB7)

PAULO GUSTAVO, PRESENTE!

Ator é mais uma vítima do genocídio. Vamos transformar o luto em luta!

Nossa solidariedade aos familiares, amigos e fãs!



PEDRO HENRIQUE FERREIRA, DA SECRETARIA LGBTI DO PSTU (RJ) & WILSON HONÓRIO DA SILVA, DA SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

Faleceu neste dia 4, no Rio de Janeiro, o ator Paulo Gustavo, em consequência de complicações da COVID-19. O ator, que tinha apenas 42 anos, e era pai de duas crianças com pouco mais de um ano, estava internado desde o dia 13 de março, e mesmo com todas as intervenções que sofreu e o tratamento com aparelhos de ponta, como ECMO (uma espécie de pulmão artificial), ele não resistiu.

Não é à toa que, mesmo em meio a tantas outras, a morte de Paulo Gustavo esteja causando uma enorme comoção nacional. O ator era amplamente reconhecido e festejado pelo seu trabalho no teatro, cinema e televisão, tendo alcançado grande sucesso com seu humor baseado na vida cotidiana e em personagens com personalidades marcantes, muitos deles LGBTIs ou rompendo as fronteiras da identidade de gênero, como a impagável Dona Hermínia, protagonista da peça e filmes “Minha mãe é uma peça”.

Por isso mesmo, Paulo Gustavo, que nunca se permitiu ficar preso ao “armário” cons-

truído pela opressão, se transformou numa grande referência como artista LGBTI, influenciando toda uma geração de comediantes, atores atrizes.

Sua postura, ousada na Arte e na vida, ao mesmo tempo em que ganhou a admiração de fãs em todo país, também atraiu a ira LGBTfóbica e fundamentalista, algo que assumiu dimensões cruéis, quando o Pastor Olímpio, da Assembleia de Deus de Alagoas, disse que rezava para que o “diabo o carregasse”.

CELEBRANDO A DIVERSIDADE E A ALEGRIA

Nascido em Niterói, Paulo formou-se pela Escola de Teatro da Casa de Artes Laranjeiras e começou a se destacar, em 2004, na peça “Surto”, quando apresentou ao público a personagem Dona Hermínia, inspirada em sua mãe,

Déa Lúcia. Nos palcos, Paulo brilhou, ainda, em “Infraturas”, “Minha Mãe É uma Peça” (que deu origem aos filmes, em 2013), “Hipertativo”, “220 Volts” e “Online”.

Estreou na TV em 2006, na novela “Prova de amor” (Record), participando, depois, em seriados como “Minha vida mole e sem graça” e “A diarista”. De lá até ser atingido pela pandemia, realizou várias outras produções, sempre interpretando, com respeito, irreverência e criatividade, múltiplos e hilários personagens, como Senhora dos Absurdos e Maria Enfisema, dentre outros.

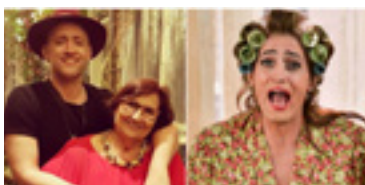
Como no caso de todo ou qualquer artista, sua trajetória não foi isenta de polêmicas ou mesmo erros. Mas, há de se destacar que ele demonstrou invejáveis sensibilidade e autocritica em relação a eles. O maior, talvez, tenha ocorrido em 2016, quando

ao representar uma mulher negra, Ivonete, foi acusado de fazer “black face”, uma prática do teatro norte-americano, no século 19, que satirizava e ridicularizava negros e negras, representando-os de forma extravagante e caricata.

Depois de ouvir as críticas, Paulo, mesmo fazendo ressalvas, decidiu mudar a etnia da personagem, em respeito à população negra.

“Li, ouvi, pensei e entendi que há uma longa discussão sobre o uso de ‘blackface’, muito anterior e muito maior do que eu, minha carreira, minha personagem e o 220 volts, por isso decidi refazer a Ivonete, sem que ela pareça uma caricatura risível da mulher negra. Ela não é. Ivonete é esperta, crítica, consciente e questionadora. (...) Ela se revolta, reclama, exige, sofre, mas não perde o rebolado, mantém-se de cabeça er-

guida, forte, guerreira e sobretudo alegre. Mas o blackface, historicamente, remete a experiências que são dolorosas para muitas pessoas e, mesmo não sendo a intenção, eu peço desculpas se ofendi ou magoei alguém. Eu posso pintar minha pele, posso fingir, representar, tentar dar voz a essa mulher, mas eu nunca saberei, de verdade, como é ser uma mulher negra. Nos textos, a alegria da personagem não fazia dela uma alienada, mesmo assim eu compreendi que a negra animada é um estereótipo que os movimentos negros combatem, com razão, pois na vida real, muitas vezes, não é nada engraçado. Apesar de conhecer e adorar muitas Ivonetes, ser negro no Brasil é difícil, sim. Como ser mulher também é difícil; como ser gay também é difícil”, lamentou em postagem nas redes sociais.



410 MIL PAULOS

TRANSFORMAR O LUTO EM LUTA! PATA UM PAÍS INDIGNADO!



Transmitimos toda nossa solidariedade aos seus familiares, em especial seu marido, o médico Thales Bretas, e seus filhos, seus colegas de trabalho e seus fãs.

Paulo Gustavo, infelizmente, se juntou às mais de 410 mil vidas perdidas neste país. Para que histórias tristes e lamentáveis como a dele parem, é preciso por um fim ao genocídio em curso! E, pra isso, é preciso botar para fora Bolsonaro e Mourão, quebrar as patentes e garantir vacina para todos.

No que se refere a Bolsonaro, nosso ódio e desprezo ao presidente genocida, só aumentou diante de uma postagem no Twitter, feita após a morte do ator. Algo que só podemos considerar um deboche, típico do seu caráter miliciano e autoritário, sempre disposto a tripudiar sobre o sofrimento alheio. “Meus votos de pesar pelo passamento do ator e diretor Paulo Gustavo, que com seu talento e carisma conquistou o carinho de todo Brasil. Que Deus o receba com alegria e conforto o coração de seus familiares e amigos, bem como de todos aqueles vitimados nessa luta contra a Covid.”

É exatamente por não acreditarmos em seus votos e considerá-lo responsável direto pela morte de quase 410 mil outros Paulos Gustavos país afora. Não dá pra esperar pelas eleições de 2022. É preciso, agora e já, lutarmos pela construção de uma greve geral sanitária. É preciso transformar o luto em luta!